

ENTRE LEMBRANÇAS E AUSÊNCIAS: DESAFIOS SUBJETIVOS E SOCIAIS NO DECLÍNIO COGNITIVO

Geovanna dos Santos e Silva¹;

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/6002234387754861>

Rayane Kerolly Farias Nascimento²;

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí.

<https://lattes.cnpq.br/4182011459851861>

Amanda Grazielle Barbosa Oliveira³;

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/9467250831616725>

Sávio Augusto Carvalho Teixeira⁴;

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/0842994002262789>

Mateus Egilson da Silva Alves⁵;

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/3727072272574689>

Thais Coutinho Souza⁶.

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/7692850133734747>

RESUMO: Este estudo propõe uma reflexão teórico-reflexiva sobre os impactos subjetivos, sociais e culturais do declínio cognitivo em pessoas idosas, com foco especial nas alterações de memória, identidade e nas relações afetivas que permeiam esse processo. A partir de uma revisão narrativa da literatura, são discutidos os efeitos da perda de memória sobre a construção do self, a fragmentação da identidade e a vivência emocional de sujeitos acometidos por doenças neurodegenerativas. Destaca-se o papel da nostalgia como recurso terapêutico, capaz de conectar o presente às memórias significativas do passado, contribuindo para a preservação de aspectos da identidade pessoal. O estudo também enfatiza a sobrecarga psíquica enfrentada por cuidadores, em especial mulheres, frequentemente invisibilizadas pelas imposições de gênero que as vincula ao papel do

cuidado. Questões como institucionalização, abandono, violência e solidão são analisadas como agravantes na perda de autonomia e dignidade na velhice. Reconhece-se a importância de representações mais humanizadas e empáticas, tanto no cuidado quanto na cultura, como exemplificado no filme *Meu Pai* (2020), que ilustra de forma sensível a experiência subjetiva do esquecimento. Assim, o trabalho aponta para a urgência de práticas que valorizem o cuidado ético e a escuta sensível diante do sofrimento psíquico associado ao envelhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Demência. Envelhecimento. Individualidade.

BETWEEN MEMORIES AND ABSENCES: SUBJECTIVE AND SOCIAL CHALLENGES IN COGNITIVE DECLINE

ABSTRACT: This study offers a theoretical-reflective perspective on the subjective and social impacts of cognitive decline in older adults, focusing on memory changes, identity, and affective relationships. Based on a narrative literature review, it explores how memory loss affects the construction of the self and leads to identity fragmentation and emotional suffering in individuals with neurodegenerative diseases. Nostalgia emerges as a therapeutic tool, capable of reconnecting the present with meaningful memories, helping preserve aspects of personal identity. The essay also highlights the emotional overload experienced by caregivers, especially women, often made invisible by gender norms that assign them the role of caregiving. Furthermore, it examines how institutionalization, neglect, violence, and loneliness intensify the loss of autonomy and dignity in aging. The importance of humanized and empathetic representations is emphasized, both in caregiving practices and in cultural portrayals of cognitive decline. The film *The Father* (2020) is referenced as a sensitive depiction of the subjective experience of memory loss. The study calls for ethical and compassionate care practices that value attentive listening and recognize the psychological suffering linked to aging and forgetfulness.

KEYWORDS: Dementia. Aging. Individuality.

INTRODUÇÃO

A demência representa uma ruptura significativa na linearidade da experiência humana. O tempo, para quem é acometido por essa condição, deixa de ser cronológico: memórias do passado emergem repentinamente no presente, e acontecimentos atuais podem ser confundidos ou esquecidos com facilidade. Nesse emaranhado de lembranças e lapsos, a nostalgia se apresenta como um elemento constante, não apenas como recordação, mas como um espaço emocional onde identidade e história pessoal continuam, de certo modo, existindo.

A vivência da demência suscita reflexões profundas sobre os campos da identidade, da memória e da experiência subjetiva. Orr e Teo (2015), por exemplo, discutem a complexidade da identidade em pessoas com demência, destacando a tentativa de seus cuidadores em preservar o self do outro, mesmo diante das limitações impostas pela degeneração cognitiva. Essa relação revela como a percepção mútua entre sujeito e cuidador pode interferir diretamente na manutenção ou reconstrução da autoidentidade da pessoa adoecida.

A memória, nesse contexto, vai além de uma função cognitiva: ela é estruturante da identidade e da continuidade do eu. Ismail et al. (2022) enfatizam a importância da nostalgia como um recurso emocional significativo para pessoas com demência. Segundo os autores, ao conectar eventos vividos com o sentimento de pertencimento, a nostalgia oferece suporte diante do sofrimento emocional e pode atuar como elemento terapêutico. A diferenciação entre memórias nostálgicas e memórias autobiográficas comuns contribui para abordagens clínicas como a terapia de reminiscência, amplamente utilizada no cuidado com esses pacientes.

Contudo, falar sobre demência também é abordar as formas pelas quais essas pessoas são vistas - ou ignoradas - socialmente. Representar pessoas com demência, seja em discursos públicos ou em produtos culturais, ainda é uma tarefa marcada por estigmas e incompreensões. Marsh et al. (2023) destacam a importância de se contar histórias que humanizem esses sujeitos, fugindo de retratos caricatos e promovendo uma compreensão mais empática de suas vivências. Apesar dos avanços, muitas dessas representações permanecem estereotipadas, reforçando visões negativas e desumanizadas. Ainda assim, algumas iniciativas vêm mostrando o potencial transformador da arte, especialmente do cinema, na construção de narrativas que valorizem e dignifiquem essas existências, como o filme *Meu Pai* (2020), dirigido por Florian Zeller, têm contribuído para ampliar a compreensão da experiência subjetiva da demência. O filme traz uma narrativa sensível que aproxima o espectador da confusão temporal e fragmentação da identidade vividas por pessoas com essa condição, ressaltando também o impacto emocional sobre os cuidadores. Essa produção cinematográfica reforça a importância de abordagens que valorizem a dimensão humana e afetiva do cuidado.

Diante desse cenário, este trabalho propõe refletir sobre os múltiplos atravessamentos vivenciados por pessoas com demência, destacando não apenas os aspectos clínicos da condição, mas também as dimensões subjetivas, sociais e culturais que a constituem. A partir de uma abordagem sensível à complexidade dessas experiências, busca-se compreender de que forma memória, identidade, afeto e cuidado se entrelaçam na vida dessas pessoas e daqueles que as acompanham.

OBJETIVO

Este capítulo tem como objetivo geral investigar como a demência afeta a identidade, a memória, as relações afetivas e a percepção de si, analisando os impactos sociais, emocionais e culturais na vida de pessoas com essa condição, bem como nas de seus cuidadores. Especificamente, busca-se refletir sobre os efeitos da demência na construção e fragmentação da identidade pessoal; analisar o papel da memória e da nostalgia no cotidiano dessas pessoas; discutir os impactos emocionais e afetivos vivenciados pelos cuidadores, com ênfase nas mulheres; apontar como o acolhimento, as relações afetivas e a escuta empática podem contribuir para o bem-estar dos indivíduos acometidos pela demência; compreender os riscos relacionados à institucionalização e à violência, evidenciando fatores sociais que comprometem a autonomia e a dignidade; além de identificar possibilidades de ressignificação da experiência da velhice em contextos de neurodegeneração.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de natureza teórico-reflexiva, com abordagem qualitativa, fundamentado em uma revisão narrativa da literatura. Foram utilizados artigos científicos, capítulos de livros e publicações acadêmicas que abordam os impactos da demência sobre a identidade, memória, afetividade, relações familiares e questões socioculturais ligadas ao envelhecimento. A seleção das referências teve como critério a relevância teórica e a atualidade das discussões, priorizando estudos nacionais e internacionais publicados nas últimas duas décadas. A partir dessas leituras, buscou-se promover uma análise crítica e integrativa sobre as vivências de pessoas com demência e de seus cuidadores, com ênfase em aspectos emocionais, éticos e sociais frequentemente negligenciados nos discursos biomédicos tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A demência é o termo geral para o declínio físico, comportamental e cognitivo de causas fisiológicas, que interferem na capacidade funcional do sujeito e consequentemente nas atividades básicas diárias (Freitas; Barbosa; Neufeld, 2016). De acordo com Huang (2023), existem muitas causas que originam a demência, no entanto a principal é a Doença de Alzheimer.

Embora o termo “demência” seja amplamente utilizado para descrever o declínio cognitivo progressivo e seus sintomas, as classificações médicas atuais, como o DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013) e a CID-11 (Organização Mundial da Saúde, 2019), adotam o termo mais amplo “Transtorno Neurocognitivo” para abarcar essas condições. Ainda assim, a doença e seus subtipos (como a Doença de Alzheimer) continuam existindo como entidades clínicas reconhecidas, sendo a mudança terminológica uma forma de melhor organizar e detalhar o diagnóstico e tratamento.

De acordo com o DSM-5 (2013) e a CID-11 (2019), a demência acomete majoritariamente a população idosa, sobretudo indivíduos com idade acima de 65 anos. Isso se deve à associação direta entre o envelhecimento e a prevalência de doenças neurodegenerativas. Embora existam casos de demência de início precoce, estes são menos comuns e representam uma parcela minoritária dos acometidos.

O filme *Meu Pai* (Zeller, 2020) oferece uma representação potente e sensível da experiência vivida por uma pessoa com demência. A narrativa, contada a partir da perspectiva do personagem Anthony, ilustra a desorientação temporal, lapsos de memória e a progressiva fragmentação da identidade, temas centrais discutidos por Ferreira (2006) e Ismail et al. (2022). As constantes mudanças de cenário, rostos e diálogos demonstram como a percepção da realidade pode se tornar instável e confusa. Além disso, o filme destaca o sofrimento emocional e a sobrecarga da cuidadora, sua filha, evidenciando as dimensões afetivas e psíquicas do cuidado feminino apontadas por Camargo (2010). Assim, a obra cinematográfica se torna uma poderosa ferramenta para humanizar e ampliar o entendimento social sobre a demência, corroborando as discussões deste trabalho.

Identidade e memória

A nostalgia de sua própria vida, memórias sem resignificação, um fluxo cronológico não contínuo, o que é verdade vivida e o que é confusão?

As memórias são uma fonte fundamental da personalidade e, nesse contexto, a narrativa da demência revela uma lógica marcada pela vivência constante do passado, na qual, frequentemente, há lapsos de memória, confusão entre contextos e um afastamento da noção de tempo cronológico. A percepção da realidade se torna progressivamente deteriorada, a ponto de o presente parecer duvidoso ou suspeito para a pessoa acometida.

A sensação nostálgica experimentada por essas pessoas sugere uma vivência sem fim, onde tudo, a todo momento, são memórias deslocadas do passado, com novas lembranças continuamente apagadas do presente.

Pessoas com demência podem viver um processo de envelhecimento carregado de (des)personalização de sua autonomia, identidade, dignidade e valor enquanto sujeito. Segundo estudo de Rodríguez-prat (2016) a dignidade é relacionada e mediada pela perda de funcionalidade, o que está ligado também a perda de controle, sendo entendida como identidade; já a autonomia sendo um determinante para a percepção de dignidade, que é percebida como um desejo de controle sobre o próprio processo da morte e da autodeterminação.

Envelhecimento e suas implicações cognitivas

A velhice pode ser compreendida como uma etapa atravessada por diversos fatores

que, quando não manejados adequadamente, comprometem a qualidade de vida do sujeito. O processo de envelhecer apresenta duas vertentes: a primeira é o envelhecimento primário, um fenômeno natural e inevitável decorrente da passagem do tempo; a segunda é o envelhecimento secundário, associado a doenças, abusos e maus hábitos, sendo, em alguns casos, passível de prevenção ou controle (Papalia; Feldman; Martorell, 2013, p. 573).

No contexto da demência, observa-se um desgaste progressivo das funções do indivíduo. Inicialmente, esse comprometimento pode se manifestar nas dificuldades físicas em atividades básicas, como vestir-se. Contudo, a função cognitiva é geralmente a mais afetada com o avanço da doença. O sintoma mais conhecido é a perda de memória, que contribui para uma confusão mental persistente. Como aponta Ferreira (2006, p. 108), “a memória, atualizada pela categoria lembrança, constitui, ela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida.” Sendo assim, se a memória é um pilar na construção da identidade, a sua deterioração implica na fragmentação do sujeito, com perda ou distorção de partes significativas de quem ele é. Ainda assim, memórias antigas muitas vezes são preservadas, permanecendo como elementos importantes da identidade dessas pessoas.

Além disso, conforme apontam Terrenos-Roncal et al. (2021) e Gonzalez et al. (2022), as doenças neurodegenerativas, como Alzheimer, Parkinson, Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) e Doença de Huntington, caracterizam-se pela degeneração progressiva das células do sistema nervoso central. Elas estão frequentemente associadas ao acúmulo de proteínas anormais no cérebro, como a proteína tau na Doença de Alzheimer, o que leva à disfunção neuronal e à morte celular. Em resposta a esse processo, destaca-se a noção de reserva cognitiva, ou seja, a capacidade do cérebro de resistir e compensar os danos provocados pelas patologias (Montine; Bukhari; White, 2021). Contudo, com o agravamento do quadro, pessoas com demência apresentam dificuldades em lidar com seus próprios problemas e regular emoções, podendo manifestar comportamentos como impulsividade, descontrole emocional, delírios, desconfiança excessiva, agitação psicomotora, irritabilidade, alterações abruptas de humor, episódios de agressividade verbal ou física, apatia, desinibição, alucinações e outros sintomas característicos do declínio neurocognitivo. Tais manifestações refletem o comprometimento progressivo de funções executivas, afetivas e perceptivas, impactando diretamente a convivência familiar, o autocuidado e a autonomia do sujeito.

Fatores sócio-emocionais

Outrossim, a vida desses sujeitos pode ser permeada pela solidão, gerada pela falta de acolhimento e escuta diante de suas incertezas e receios. Muitos cuidadores e pessoas próximas não possuem um manejo adequado, o que revela a necessidade de conversas simples, porém eficazes, a fim de esclarecer a situação ou, simplesmente, ouvi-los sobre seus sofrimentos. Isso evidencia como a escuta empática e o acolhimento incondicional

são fatores essenciais para que o sujeito tenha a oportunidade de construir significados e sentidos de si mesmo a partir da situação em que se encontra, o que é necessário nos processos de subjetivação (Mori, 2008).

Além disso, em certo nível, o “abandono” em uma Instituição de Longa Permanência (ILP) e a constante medicação podem ser fatores que contribuem para uma maior dependência futura desses indivíduos. Consequentemente, cria-se um ambiente suscetível a possíveis situações de violência. Mas, além disso, estudos mostram que a maioria dos agressores de idosos são filhos ou cônjuges das vítimas, o que evidencia a prevalência de conflitos abusivos e perigosos dentro do próprio ambiente familiar (Minayo, 2003).

Ao analisar essas colocações, é preciso ressaltar que existem fatores que resultam na perda de autonomia, muitas vezes gerando dependência, entendida como a incapacidade de funcionar satisfatoriamente sem assistência, devido a limitações físicas, cognitivas ou ambas (Neri, 2007). A dependência não é uma condição obrigatória e unidimensional na velhice; entretanto, é uma condição multifacetada, influenciada por várias variáveis interativas, e que pode, sim, estar fortemente presente na velhice de alguns sujeitos. Segundo Neri (2007, p. 64), dentre os inúmeros fatores que determinam a dependência em pessoas idosas estão a incapacidade funcional decorrente de doenças, o senso de desamparo, a falta de motivação, os estados afetivos negativos e a escassez de suporte psicológico.

Pode-se também salientar o valor das relações afetivas como fator positivo. De acordo com Neri (2008), “A primeira necessidade afetiva dos seres humanos é o amor” (p. 103). Isso revela a necessidade de relações em que haja aceitação integral e genuína, principalmente quando se trata da velhice, período em que, na maioria dos casos, os laços que permanecem e/ou são os mais presentes são as relações familiares. Esses vínculos tornam-se fundamentais, pois oferecem um espaço que permite tanto resgatar o passado por meio das lembranças quanto criar novas experiências (Ferreira, 2006). Visto isso, entende-se que, na velhice, as lembranças dos momentos vividos gradualmente se dissipam, resultando em um crescente número de perdas. Voltar ou permanecer em um lugar físico associado ao passado ajuda a mitigar os efeitos dessa ameaça de desintegração da identidade (Ferreira, 2006).

Ferreira (2006) afirma que “A memória familiar pode vir, ela própria, como elemento valorativo que atua na afirmação da identidade social do sujeito” (p. 213), sendo “Representada como algo acima dos indivíduos, ela permanece, além da condição mortal de seus representantes” (p. 214).

É preciso pontuar que uma relação de afeto importante é a alegria. Conforme Neri (2008), “a alegria associa-se à exploração do ambiente, por exemplo, por meio do lazer, do desfrute e da exploração das relações com outras pessoas” (p. 107). Diante disso, vislumbra-se a ausência desse tipo de relação na vida de muitos idosos acometidos pela demência; o cenário diferente acaba sendo apenas de um cômodo a outro da casa, o que

limita ainda mais suas experiências.

O papel do cuidado

Por fim, ao tratar de doenças que debilitam os sujeitos, é indispensável mencionar uma dimensão muitas vezes negligenciada: o sofrimento vivenciado por mulheres que assumem o papel de cuidadoras. Filhas, esposas, noras e até sobrinhas frequentemente são aquelas que se responsabilizam pelo cuidado de familiares adoecidos, especialmente em casos de demência. Tal distribuição de responsabilidades não ocorre de forma neutra, mas está profundamente enraizada em construções históricas e culturais de gênero, sustentadas por uma hierarquia patriarcal, pelo machismo e por preconceitos sociais que associam o feminino ao cuidado como algo “natural”.

Essas mulheres, inseridas no contexto do cuidado domiciliar, tornam-se frequentemente invisibilizadas, uma vez que essa função, embora essencial, não é reconhecida como trabalho formal. Pior ainda, é tratada como obrigação moral, como se cuidar fosse um dever espontâneo ligado à condição de ser mulher. Não raro, surgem discursos naturalizados como: “Você precisa ter filhos para que alguém cuide de você na velhice”, os quais refletem uma expectativa social de retribuição intergeracional, sem, contudo, considerar os impactos subjetivos, emocionais e sociais de quem realiza o cuidado.

Esse processo de apagamento revela-se ainda mais cruel quando se observa que as dimensões emocionais e afetivas envolvidas no cuidar são ignoradas ou banalizadas. Mulheres cuidadoras muitas vezes enfrentam sentimentos de desespero, exaustão, ansiedade, aflição e abandono. Segundo Camargo (2010), essas experiências de sofrimento psíquico estão fortemente associadas à sobrecarga emocional e podem gerar conflitos na relação entre cuidador e idoso, comprometendo tanto a saúde de quem cuida quanto a qualidade do cuidado prestado.

Dessa forma, é fundamental reconhecer que o cuidado não é uma prática isenta de custos emocionais ou estruturais. Ele demanda suporte, reconhecimento e políticas públicas que acolham e amparem essas mulheres, para que o ato de cuidar não se torne mais uma forma silenciosa de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, por meio da análise dos fatores sociais, culturais e subjetivos que permeiam a vida de pessoas com demência, evidencia-se a complexidade dessa vivência, marcada por perdas progressivas, desafios cotidianos e impactos profundos sobre a identidade. Esses aspectos não são restritos à teoria, mas estão presentes na vida concreta de milhões de indivíduos que enfrentam os efeitos do envelhecimento associado à neurodegeneração, vivenciando, de forma ampla, as dores e os conflitos oriundos do declínio funcional, cognitivo e emocional.

A demência, mais do que um diagnóstico clínico, atravessa dimensões humanas essenciais, como memória, autonomia, afeto e dignidade. A perda da memória recente, a fragmentação da identidade e o deslocamento da noção de tempo cronológico revelam um sujeito que, embora afetado, ainda é portador de histórias, vínculos e subjetividades que merecem escuta e valorização. Nesse sentido, a nostalgia, longe de ser apenas um sintoma, pode ser um recurso emocional potente, capaz de manter viva a ligação entre passado e presente.

Além disso, o sofrimento provocado pela demência não se restringe à pessoa diagnosticada, mas se estende a familiares e cuidadores, sobretudo mulheres. Filhas, esposas, noras e outras mulheres do círculo familiar assumem majoritariamente o cuidado, muitas vezes sem preparo, reconhecimento ou apoio, o que gera exaustão física e emocional. O cuidado, embora seja um ato de amor e presença, também pode ser atravessado por sobrecarga, solidão e invisibilidade social, especialmente quando visto como obrigação e não como trabalho que exige suporte e políticas públicas.

Portanto, refletir sobre a demência implica ir além do olhar biomédico: exige sensibilidade para as experiências humanas que a acompanham, para as relações que a sustentam e para os silêncios que a rodeiam. Promover o cuidado ético e empático, garantir dignidade e respeitar a subjetividade dessas pessoas é um compromisso coletivo e urgente, especialmente em uma sociedade que envelhece de forma acelerada. Que o reconhecimento dessas múltiplas dimensões possa guiar práticas mais humanas, acolhedoras e justas no enfrentamento da demência.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5**. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

CAMARGO, Renata Cristina Virgolin Ferreira. **Implicações na saúde mental de cuidadores de idosos: uma necessidade urgente de apoio formal**. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 231-254, 2010.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Memória e velhice: do lugar da lembrança**. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade?* v. 2, p. 207-222, 2006.

FREITAS, Eliane Rigon de; BARBOSA, Adriana Jorge Gasparetto; NEUFELD, Carla Benedetti (org.). **Terapias cognitivo-comportamentais com idosos**. Porto Alegre: Sinopsys, 2016.

GONZALES, Mitzi M. et al. **Biological aging processes underlying cognitive decline and neurodegenerative disease**. *The Journal of Clinical Investigation*, [s.l.], v. 132, n. 10, 2022.

HUANG, Juebin. **Doença de Alzheimer**. *Manual MSD – Versão para a família*, fev. 2023.

Disponível em: <https://www.msdmanuals.com>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ISMAIL, Sanda et al. **The content of nostalgic memories among people living with dementia.** *The International Journal of Aging and Human Development*, [s.l.], v. 94, n. 4, p. 436-458, 2022.

MARSH, Pauline et al. **Film as cooperative endeavour: the promises for people living with dementia, their relatives, caregivers and aged care staff.** *Dementia*, [s.l.], v. 22, n. 7, p. 1440-1460, 2023.

MEU PAI. Direção: Florian Zeller. Produção: F Comme Film; Trademark Films; Cine@. França/Reino Unido, 2020. 1 filme (97 min.), son., color.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violence against the elderly: the relevance of an old health problem.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 783-791, 2003.

MONTINE, Thomas J.; BUKHARI, Syed A.; WHITE, Lon R. **Cognitive impairment in older adults and therapeutic strategies.** *Pharmacological Reviews*, [s.l.], v. 73, n. 1, p. 152-162, 2021.

MORI, Maria Elizabeth et al. **O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas públicas: o envelhecimento da mulher: políticas para uma clínica ampliada.** In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social*. Brasília: CFP, 2008. p. 79-90.

NERI, Anita Liberalesso. **Paradigmas e teorias em psicologia do envelhecimento.** In: FREITAS, Eliane Rigon de (org.). *Tratado de Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 2007. p. 57-76.

NERI, Anita Liberalesso. **As necessidades afetivas dos idosos.** In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org.). *Seminário Nacional de Envelhecimento e Subjetividade*. Brasília: CFP, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional de Doenças: 11ª revisão (CID-11).** Genebra: OMS, 2019.

ORR, David M. R.; TEO, Yugin. **Carers' responses to shifting identity in dementia in Iris and Away From Her: cultivating stability or embracing change?** *Medical Humanities*, [s.l.], v. 41, n. 2, p. 81-85, 2015.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: AMGH, 2013.

RODRÍGUEZ-PRAT, Andrea et al. **Patient perspectives of dignity, autonomy and control at the end of life: systematic review and meta-ethnography.** *PLoS One*, [s.l.], v. 11, n. 3, p. e0151435, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0151435>.

TERREROS-RONCAL, Julia et al. **Impact of neurodegenerative diseases on human adult hippocampal neurogenesis.** *Science*, [s.l.], v. 374, n. 6571, p. 1106-1113, 2021.